

Jacob F. Field

Autor de *A História da Europa para Pessoas com Pressa*

BREVE
HISTÓRIA



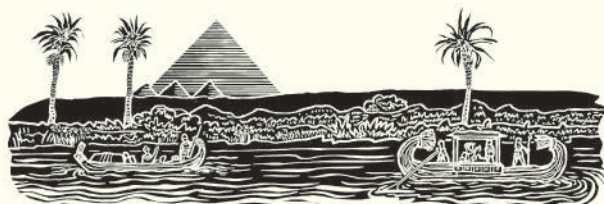
do



MUNDO *em*



50 LUGARES



v o g a i s

*Este livro é dedicado à avó Billie e à Nana,
bem como à memória do avô de Al e de Aussie.*

ÍNDICE



Introdução	9
1 · ❀ · A História Pré-histórica	13
2 · ❀ · O Mundo Antigo Primitivo	27
3 · ❀ · O Mundo Antigo Tardio	53
4 · ❀ · O Início da Idade Média	99
5 · ❀ · O Fim da Idade Média	133
6 · ❀ · O Início da Idade Moderna	173
7 · ❀ · A Era das Revoluções	207
8 · ❀ · O Mundo Moderno	251
Conclusão	305
Agradecimentos	307
Bibliografia selecionada	309
Índice remissivo	311

INTRODUÇÃO



Há determinados lugares que, ao longo da História, têm sido palco de marcantes acontecimentos que, por sua vez, se revelam focos de incidentes ou verdadeiros monumentos à tragédia. Outros serão, à primeira vista, menos conhecidos, mas, como microcosmos, revelam os pormenores de uma narrativa mais vasta, que se refere a uma tendência histórica ou a um tema, de características mais duradouras, e que pode abranger mudanças e evoluções nos domínios da ciência, da economia, da religião, das artes e da sociedade. *Breve História do Mundo em 50 Lugares* engloba todos estes tipos de locais e vai mais longe, ao oferecer uma nova narrativa da humanidade, desde a sua fase inicial até ao século XXI.

Este livro, organizado por ordem cronológica, refere-se em pormenor ao impacto, ao património e ao papel de 50 lugares que foram decisivos para a nossa História. Começa com o aparecimento dos primeiros seres humanos em África, no desfiladeiro de Olduvai, na Tanzânia, onde os nossos mais antigos antepassados começaram a usar com maior perfeição as ferramentas mais simples, o que lhes tornou mais fácil a sua expansão pelo mundo,

por onde deixaram a sua marca em todos os continentes do nosso planeta, da Australásia às Américas. O livro avança depois para os primeiros dias do primitivo mundo antigo e para o aparecimento das primeiras civilizações, como as que floresceram no Crescente Fértil, no vale do Nilo e na bacia do rio Amarelo. O terceiro capítulo aborda o mundo antigo mais tardio e lugares como o Monte do Templo em Jerusalém, que se tornou um local sagrado para três religiões; e a Acrópole de Atenas, que continua a ser um monumento às glórias da Idade do Ouro grega. Depois, os capítulos 4 e 5 detalham a Idade Média, desde a Universidade de Tombuctu, no Mali, um dos maiores centros de aprendizagem do mundo islâmico, a Samarcanda no Uzbequistão dos nossos dias, que foi um dos mais importantes pontos de paragem da Rota da Seda, passando por Tenochtitlán, no México, que foi o grande centro do Império Asteca, e pelos Estreitos Turcos, que são uma das vias aquáticas mais estrategicamente vitais de todo o mundo. O capítulo 6 abrange o início da Idade Moderna, com lugares como a paróquia de Santa Maria de Belém, contando a história de como Portugal e outros países europeus deram início ao longo processo de construção dos seus impérios, que durou séculos, e o Castelo da Costa do Cabo, no Gana, que se transformou no entreposto fundamental do comércio de escravos do Atlântico. A série de acontecimentos revolucionários que estabeleceram os alicerces do mundo moderno é descrita em pormenor no capítulo 7, no qual se apresenta a aldeia escocesa de New Lanark, que foi a precursora da mecanização industrial nas fábricas, e a casa na Venezuela onde Simón Bolívar e os seus confederados forjaram o futuro

da América Latina independente. Finalmente, o capítulo 8 aborda o mundo moderno, de Hollywood, onde se decidiu muito da paisagem dos meios de comunicação contemporâneos, à Zona Desmilitarizada da Coreia, que talvez seja um dos últimos símbolos que sobreviveram às tensões da Guerra Fria, que em tempos pareceram estar na iminência de empurrar o mundo para a aniquilação nuclear.

Sejam quais forem os seus interesses, e esteja onde estiver, *Breve História do Mundo em 50 Lugares* irá dar-lhe novos pontos de vista e novas perspectivas relativamente ao passado.

1

A HISTÓRIA PRÉ-HISTÓRICA



O DESFILADEIRO DE OLDUVAI

Os primeiros seres humanos apareceram há cerca de dois milhões de anos na África subsariana. Foram classificados como *Homo habilis* («homem hábil»). Ao longo de milhares de anos, evoluíram para os seres humanos modernos, designados por *Homo sapiens* («homem sapiente»), que se expandiram por todo o mundo. Conhecer os nossos antepassados mais distantes tornou-se possível graças a uma série de descobertas feitas no desfiladeiro de Olduvai, na Tanzânia.

Situado na orla oriental das planícies do Serengueti, o desfiladeiro de Olduvai é uma ravina de inclinação abrupta com cerca de 48 quilómetros de comprimento. O seu nome deriva de *oldupai*, que significa «sítio do sisal selvagem» (uma planta com espinhos) na língua

dos massais, o povo local. No período pré-histórico, ficava perto de um lago, o que fazia do local um importante ponto de concentração de animais e de seres humanos. Os vestígios aí encontrados ficaram preservados pela queda de cinzas de vulcões situados nas proximidades. Em 1911, o cientista Wilhelm Kattwinkel (1866–1935) descobriu neste desfiladeiro, que fazia então parte da África Oriental alemã, depósitos fósseis, onde se encontravam os dentes de um *Hipparion*, um cavalo antigo agora extinto. Depois de Kattwinkel ter apresentado as suas descobertas em Berlim, foi organizada uma expedição formal encabeçada pelo geólogo e paleontólogo Hans Reck (1886–1937). Nessa altura, a teoria da evolução já estava bem

O GRANDE VALE DO RIFT

A fenda da África Oriental, que tem cerca de 6400 quilómetros de comprimento, vai do extremo sul da Turquia à foz do rio Zambeze em Moçambique. Começou a formar-se há 30 milhões de anos quando a crosta terrestre abriu fendas, criando vales que chegavam a ter 80 quilómetros de largura e 309 metros de profundidade, além de numerosas cordilheiras e rios de montanha. Foi neste ambiente diversificado que os símios evoluíram, transformando-se nos modernos seres humanos e fazendo deste local um dos mais ricos depósitos de fósseis do mundo.

fundamentada e já era aceite na generalidade que os seres humanos eram o resultado de uma evolução dos primatas. Mas o registo fóssil que prova esta evolução estava incompleto, e havia vazios enormes na compreensão de como e onde é que este processo se desenrolara. Nesta época, os fósseis mais antigos de homínídeos que haviam sido descobertos, na Ásia, eram espécimes do *Homo erectus* («homem ereto»). A capacidade de andar direito deste homínídeo libertou-lhe as mãos, com que passou a poder fazer ferramentas e a manipular o meio ambiente. O *Homo erectus* terá, provavelmente, evoluído do *Australopithecus*, um grupo de espécies de primatas. A expedição de Reck descobriu centenas de fósseis de animais, além do esqueleto completo de um *Homo sapiens*, que afirmou poder ter mais de 500 mil anos. Houve dúvidas generalizadas sobre este número, apesar de ele ter despertado o interesse pelo desfiladeiro, com mais expedições ao local a serem planeadas (e o ceticismo revelou-se correto, porque, posteriormente, a datação por carbono revelou que o esqueleto tinha apenas 17 mil anos). A Primeira Guerra Mundial adiou a ida de outras expedições a Olduvai, que só foram retomadas em 1931, quando a região ficou sob o domínio do Império Britânico.



A primeira expedição inglesa foi chefiada pelo paleoantropólogo Louis Leakey (nascido no Quênia, 1903–72), que antes visitara Reck na Alemanha, onde pôde ver as ferramentas de pedra do estilo rústico *oldowan*. Leakey e a família acabariam por passar décadas a fazer escavações no desfiladeiro, onde descobriram pormenores que revolucionaram a maneira de compreender os seres humanos primitivos. Apesar de Louis e a sua equipa — que incluía a sua mulher, Mary (1913–96), também paleoantropóloga — terem descoberto em Olduvai machados de mão bem trabalhados com a idade de um milhão de anos, de início

NEANDERTAIS

Há cerca de 400 mil anos desenvolveu-se outra espécie de homínido, diferente do *Homo sapiens*: o *Homo neanderthalensis*. O nome deriva do vale de Neander, na Alemanha, onde o primeiro espécime foi encontrado em 1856. Da Europa, os neandertais expandiram-se para o Norte de África e para regiões da Ásia. De pernas mais curtas, narizes mais largos e corpos mais robustos, adaptaram-se bem ao clima, geralmente mais frio, da região. Longe de serem homens das cavernas ignorantes, usariam provavelmente linguagem oral, dominavam o fogo e faziam ferramentas a partir de pedras lascadas.

não encontraram vestígios de homínídeos que fossem anteriores em data ao *Homo erectus*.

Em 17 de julho de 1959, foi feita uma descoberta importante durante a sétima expedição dos Leakey em Olduvai. Quando andava a passear os seus seis dálmatas, Mary encontrou um fragmento de osso. E esse fragmento era parte de uma caveira, quase intacta, com a idade de 1,75 milhões de anos. Recebeu o nome de «Homem Quebra-Nozes» devido aos seus grandes dentes molares. Os Leakey puderam estabelecer que ela pertencia a uma espécie de australopitecíneos, diferentes dos australopitecos, o que comprovava que os seres humanos tinham evoluído em África. No ano seguinte, o filho de Mary e de Louis, Jonathan (n. 1940), descobriu no desfiladeiro a mandíbula inferior e outras partes de um ser humano primitivo. Depois de estudos extensivos, com mais algumas descobertas de restos semelhantes, este espécime foi identificado como pertencendo à espécie que fazia a ponte entre os australopitecíneos e o *Homo erectus*. Em 1964, foi anunciado que a nova espécie seria classificada como *Homo habilis*, ou seja, «homem hábil». Descobriu-se que se desenvolvera num período datado de há 2,4 milhões a 1,5 milhões de anos, recebendo esse nome por o seu cérebro, de maiores dimensões, lhe dar a capacidade de fazer ferramentas mais sofisticadas.

O desfiladeiro de Olduvai também revelou muitos exemplares de ferramentas de pedra feitas pelos seres humanos primitivos. Os homínídeos da espécie *Homo habilis*, que talvez tivessem sido caçadores e necrófagos, faziam as suas ferramentas com uma técnica conhecida por «britagem», em que conseguiam dar forma às pedras

batendo-as repetidamente contra outras superfícies e criando assim gumes cortantes. As ferramentas *oldowan* eram usadas, na sua maioria, para a matança de animais e para lhes quebrar os ossos, o que abria caminho até à medula, que é nutritiva. As ferramentas foram aperfeiçoadas para também poderem ser usadas na construção de abrigos feitos de ramos, além de armas de madeira e armadilhas. O uso de ferramentas de pedra foi vital para o desenvolvimento dos hominídeos porque lhes permitiu ajustarem-se a uma variedade de áreas mais vasta. Há cerca de 1,9 milhões de anos, o *Homo habilis* evoluiu para o *Homo erectus*, que usava ferramentas de pedra ainda mais sofisticadas e conseguia controlar o fogo. Depois, há cerca de 200 mil anos, os seres humanos anatomicamente modernos, os hominídeos da espécie *Homo sapiens*, apareceram na África Oriental. Foram encontrados no desfiladeiro de Olduvai fósseis do *Homo erectus* e também do *Homo sapiens*, o que significa que esta zona conta a história, com mais de dois milhões de anos, de como a nossa espécie descendeu dos primatas.

O *Homo sapiens* não se ficou por África. Os cérebros, agora de maior dimensão, e a inteligência acrescida desta espécie deram-lhe a capacidade de viver num mais vasto conjunto de ambientes e de se expandir para o Médio Oriente, o que aconteceu há cerca de 130 mil a 100 mil anos. Há cerca de 50 mil anos, o *Homo sapiens* expandiu-se para a Europa e penetrou ainda mais na Ásia. É possível que tenha havido cruzamentos com os neandertais. Testes genéticos já mostraram que os modernos seres humanos destas regiões ainda têm ADN de neandertais. No entanto, o *Homo neanderthalensis*, como espécie

distinta, extinguiu-se há cerca de 40 mil anos. Ainda se debatem as causas possíveis da sua extinção, que poderão ter sido alterações climáticas ou o predomínio do *Homo sapiens*.

JEBEL IRHOUD

Em 1961, iniciaram-se escavações numa caverna de Jebel Irhoud, no oeste de Marrocos, depois de um mineiro ter aí encontrado uma caveira fossilizada de um *Homo sapiens*. Houve mais escavações, em 2004, e nessa altura desenterraram-se mais restos de hominídeos, ossos de animais, evidências de fogueiras e pederneiras queimadas. As ferramentas tinham cerca de 315 mil anos, o que faz dos fósseis de Jebel Irhoud os exemplares mais antigos de seres humanos anatomicamente modernos.

Há cerca de 15 mil anos, havia *Homo sapiens* a viverem em quase todos os pontos do globo habitáveis, incluindo a Austrália e as Américas. De início, os *Homo sapiens* eram caçadores-recoletores (como o *Homo erectus*), vivendo em pequenos grupos nómadas de 30 a 50 pessoas. A sua base de sustentação eram a caça e a necrofagia, além da apanha de plantas que cresciam na natureza. Havia uma igualdade relativa entre homens e mulheres e, dado que essas comunidades estavam quase sempre em

movimento, eram poucas as oportunidades de acumulação de propriedade privada, o que significa que a sociedade paleolítica era relativamente igualitária. Com o tempo, o *Homo sapiens* começou a ter comportamentos rituais, começando a enterrar os seus mortos há 100 mil anos e a fazer as primeiras ilustrações há cerca de 50 mil anos. Há 14 mil anos, foram feitas ferramentas mais avançadas, incluindo o arco e as flechas mais simples. Esta foi, de várias maneiras, a primeira máquina, por dispor de partes móveis e transformar a energia muscular em energia mecânica. Isto, juntamente com outras inovações como redes, arremessadores de lanças e de pedras, permitiu aos seres humanos caçarem animais maiores. Esta «Antiga Idade da Pedra» começou a chegar ao fim por volta de 10 000 a. C. quando os seres humanos começaram a fazer a transição para a vida em sociedades agrícolas de base permanente, em primeiro lugar no Médio Oriente.

LAGO MUNGO

Os aborígenes australianos são a mais antiga civilização do mundo, com uma cultura que se tem mantido há milhares de anos. Os aborígenes chegaram à Austrália há cerca de 50 mil anos, instalando-se em todo o continente. Os vestígios fósseis mais antigos deixados pelos aborígenes foram encontrados no lago Mungo, um lago seco no sudoeste de New South Wales.

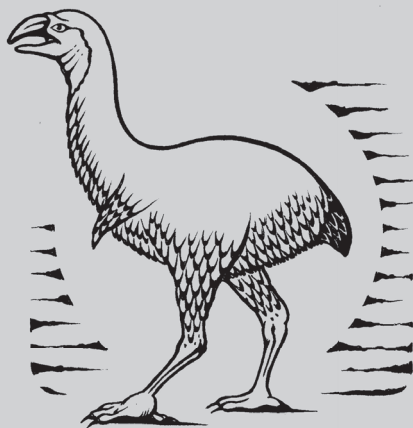
Em 1968, Jim Bowler, um geólogo australiano que estudava dunas, estava no lago Mungo quando avistou o que pensou serem ossos humanos queimados e postos a nu

pela erosão. No ano seguinte, regressou com arqueólogos, que retiraram os vestígios, levando-as para a Universidade Nacional Australiana de Camberra para estudos mais pormenorizados. Descobriram então que os ossos fossilizados eram os restos de uma mulher jovem que media 1,47 metros de altura. Os seus restos mostraram que havia sido cremada e que os ossos haviam sido salpicados com ocre vermelho, o que sugere que a sociedade tinha comportamentos ritualizados e talvez algum sentido da existência de uma vida depois da morte. Em 1974, ao investigar melhor a área do lago Mungo e a zona circundante durante uma volta de mota, Bowler deu com um monte de despojos humanos bastante visíveis num bloco rochoso. O achado foi extraído da rocha e levado para Camberra, onde se descobriu que se tratava de um homem adulto, de 1,70 metros de altura e envelhecido, talvez com cerca de 50 anos e com osteoartrite no cotovelo direito (talvez em resultado de atirar a lança). Perdera dois dentes caninos ao mesmo tempo, quando era jovem, possivelmente em qualquer tipo de cerimónia ritualística. Tanto o «Homem de Mungo» como a «Mulher de Mungo» morreram há cerca de 42 mil anos, quando a Austrália já estava completamente colonizada pelos aborígenes.

Estudos de ADN contemporâneos sugerem que os aborígenes australianos descendem de um grupo de *Homo sapiens* que deixou África há cerca de 72 mil anos, migrando para o Sudeste Asiático antes de atravessar para a Austrália. Algumas das provas mais antigas da colonização humana foram descobertas em Arnhem Land, no norte da Austrália, onde se encontraram ferramentas de pedra datadas de 53 mil a 61 mil anos e encontradas

A MEGAFUNA AUSTRALIANA

O isolamento geográfico da Austrália teve como resultado que os aborígenes se depararam com animais desconhecidos, que não existiam em mais nenhum sítio da Terra. Não havia, para muitas espécies que aí viviam, o perigo dos predadores até ao momento em que chegaram os seres humanos, o que transformou esses animais numa fonte sempre disponível de comida para os aborígenes. Entre as espécies que poderão ter sido caçadas a ponto de serem extintas encontram-se o *Diprotodon*, um marsupial do tamanho de um hipopótamo, e o *Genyornis*, uma ave sem asas que media mais de 1,80 metros de altura.



em dois abrigos na rocha. Partindo destas colónias, os aborígenes migraram para todo o continente há cerca de 35 mil anos. Mantiveram, em grande medida, o tipo de vida de caçador-recoletor que caracterizou as sociedades humanas primitivas (embora alguns grupos praticassem uma forma de agricultura que incluía colheitas e armazenamento de produtos agrícolas, e um sistema elaborado de captura de enguias e de peixe). Eram batedores e perseguidores de caça experientes e mestres no arremesso de lanças. O fogo era vital para a sua existência e era usado para cozinhar e para afugentar animais das suas tocas, sendo as cinzas usadas como fertilizante, o que ajudava as espécies vegetais a crescerem.

Muitos elementos da paisagem australiana, na época das primeiras colónias humanas que aí se instalaram, eram diferentes dos de hoje. Quando os aborígenes chegaram pela primeira vez ao lago Mungo, num período datado de há 50 mil a 45 mil anos, a região era interior e nela existiam 13 grandes lagos de água doce que se haviam enchido em resultado de um clima que estava gradualmente a arrefecer, o que deu origem a uma menor evaporação. Além dos lagos, havia pradarias e florestas repletas de vida selvagem. Há cerca de 40 mil anos, tempestades de areia arrastaram vagas de areia de dunas situadas a montante e o aumento das temperaturas reduziu os níveis de água. O lago Mungo secou há 19 mil anos, e o povo que aí habitava mudou-se para outras regiões vizinhas que dispunham de fontes de água mais fiáveis.

Os aborígenes australianos dividiram-se em mais de 500 tribos, estando cada uma delas ligada a uma área ancestral específica. Embora não dispusessem de um

sistema de escrita, tinham um sistema complexo de mitos que passavam, oralmente, de geração para geração. Também não havia uma clara estrutura de hierarquia social, apesar de os anciãos terem um estatuto específico devido ao seu conhecimento das lendas tribais, sendo normalmente necessários 30 a 40 anos para a aprendizagem do ciclo completo dos mitos, que incluíam canções, danças e locais sagrados. Embora houvesse mais de 300 línguas aborígenes e violência esporádica entre grupos diferentes, existia intercâmbio cultural generalizado. As tribos que viviam mais próximas reuniam-se muitas vezes para acontecimentos cerimoniais, e havia redes de comércio que iam do interior à costa numa extensão que ultrapassava os 1600 quilómetros. Por serem em grande medida nómadas, os aborígenes deixavam poucas habitações de carácter permanente. Houve uma exceção em Victoria, no Sudoeste, onde há 600 anos construíram cabanas que podiam albergar famílias de quatro a sete pessoas, sendo habitadas durante parte do ano. As mudanças constantes levavam a que a densidade populacional fosse baixa e, no fim do século XVIII, havia apenas 300 mil aborígenes a viver na Austrália, o que significa que a densidade populacional já era apenas de uma pessoa por cada 26 quilómetros quadrados.

O governo britânico decidiu, em 1786, colonizar a Austrália com condenados, chegando a Primeira Frota dois anos depois. No final do século XVIII, havia mais de 5000 colonos a viver na Austrália. Ao longo dos séculos XIX e XX, foram chegando milhões de migrantes. A Inglaterra apoderara-se da terra aborígene, ao simplesmente proclamar a sua soberania sobre ela e sem fazer quaisquer

BOTANY BAY

Em 29 de abril de 1770, o navio inglês *Endeavour*, capitaneado por James Cook, lançou âncora na costa leste da Austrália, tendo mapeado as ilhas do Sul do Pacífico e navegado ao longo da orla costeira da Nova Zelândia. Os ingleses chamaram ao local Botany Bay e mapearam depois 8000 quilómetros da orla costeira australiana antes de voltarem para casa. Em 1778, chegou a Botany Bay uma frota inglesa que transportava 1030 pessoas, entre as quais 736 condenados a penas de prisão. Considerando o local desadequado para uma colónia penal, mudaram-se 8 quilómetros para norte, fundando aí Port Jackson, que viria a ser a futura cidade de Sydney.

tratados com a população indígena. Isto foi possível graças a uma teoria jurídica que permitiu considerar a Austrália *terra nullius*, ou seja, terra que estava vaga e sem proprietário. Os direitos dos aborígenes foram completamente ignorados e somente em 1922 é que uma decisão legal australiana reconheceu que os aborígenes tinham sido proprietários e possuidores do seu território ancestral. O processo de colonização tem sido desastroso e traumático para a sociedade aborígine que, além da perda das suas terras, foi vítima de doenças ocidentais e de violência às mãos dos colonos.

Os ossos da Mulher de Mungo e do Homem de Mungo permaneceram em Camberra durante dezenas de anos, tendo depois sido levados sem a autorização das três tribos, os paakantyi, os muthi muthi e os ngiyampaa, que são reconhecidas como donas tradicionais da região. Depois de negociações com as tribos, os ossos da Mulher de Mungo foram devolvidos a Camberra em 1992. Estão agora guardados num cofre no centro de exposições do Parque Nacional de Mungo, que requer o uso de duas chaves para poder ser aberto: uma está na posse dos arqueólogos, e a outra, com os anciãos das tribos. Quanto ao Homem de Mungo, só foi repatriado em 2017, acabando por ser novamente sepultado na orla do lago Mungo. Os seus ossos regressaram, assim, à terra onde, durante tantos séculos, ninguém os incomodara.

2

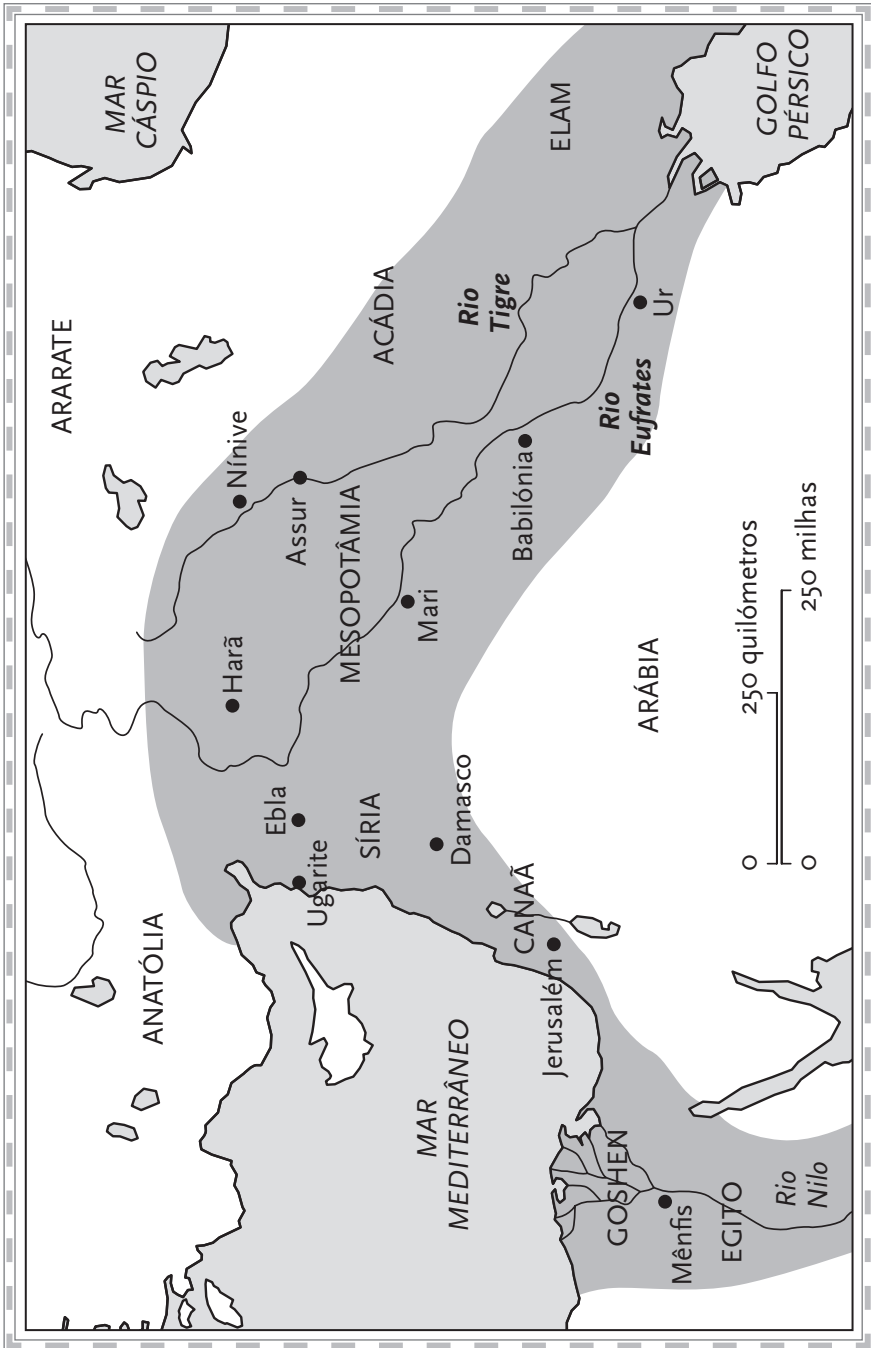
O MUNDO ANTIGO PRIMITIVO



O CRESCENTE FÉRTIL

Foi há cerca de 12 mil anos que algumas sociedades humanas começaram a transformar-se, passando de sociedades de caçadores-recoletores nómadas para povoações de base agrícola permanentes. Esta «Revolução Neolítica» mudou o mundo: começou a haver populações maiores, maior especialização e surgiram as primeiras aldeias e cidades.

O Crescente Fértil é a designação de uma região do Médio Oriente definida por dois grandes rios, o Tigre e o Eufrates, que nascem nas montanhas da Turquia e do Irão e que vão desaguar no Golfo Pérsico, assegurando desse modo um abastecimento fundamental de água doce. As terras mais férteis foram as da área conhecida como Mesopotâmia, situada entre os dois rios, onde a agricultura deu os primeiros passos por volta de 9000 a. C.



O Crescente Fértil, cerca de 6000 anos a. C.

No Crescente Fértil, desenvolveram-se culturas de cereais selvagens que puderam ser trabalhadas pelos seres humanos, que os começaram a cultivar, como a espelta, a cevada, o milho-painço e o linho, bem como a ervilha e as lentilhas. Vacas, cabras, porcos e ovelhas foram criadas, seletivamente, a partir dos animais selvagens aí existentes (os cavalos, que foram primeiro domesticados na Rússia e na Ásia Central, só chegaram à região depois de 5000 a. C.). Em 7000 a. C., já existiam grandes explorações agrícolas em todo o Crescente Fértil, embora estivessem confinadas, na sua maioria, a zonas que ficavam perto dos rios ou onde chovia bastante. Os processos de irrigação de pequena dimensão com recurso à água começaram a aparecer por volta de 6000 a. C., e, por volta de 5000 a. C., já se construía canais mais sofisticados e bacias de armazenamento e começavam a ser drenadas as terras pantanosas, o que tornou possível o uso mais intenso e mais generalizado da terra. Juntamente com invenções como o arado e a grade, isto permitiu aumentar a quantidade dos alimentos disponíveis, o que fez com que a população crescesse mais depressa.

O extremo sul da Mesopotâmia, conhecido como Suméria, foi colonizado em 4500 a. C. e foi aí que apareceram as primeiras cidades, construídas em meados do quarto milénio a. C. A urbanização expandiu-se para o restante território do Crescente Fértil, para a Pérsia e para o Egito. As pessoas podem ter-se mudado para as cidades porque o clima estava a ficar mais seco, tornando mais difícil de manter a agricultura de subsistência e encorajando uma atividade agrícola mais intensa, que exigia maior concentração da população. O crescimento

urbano permitiu um grau mais elevado de especialização ocupacional, com ofícios como a tecelagem e a olaria (com a utilização, agora, da roda de oleiro, que facilitava uma produção mais rápida e formatos mais sofisticados) a tornarem-se habituais. Foi desenvolvida uma metalurgia mais avançada, com o bronze a ser produzido por volta de 3500 a. C. e o ferro em 1000 a. C., o que deu origem a ferramentas mais fortes e mais aguçadas.

Apesar da existência destes ofícios, a maior parte da população ainda trabalhava na agricultura, dirigindo-se para os seus terrenos a partir das casas que tinham dentro das cidades. O comércio de longa distância estabeleceu-se no Crescente Fértil, e os veículos com rodas já estavam a ser usados generalizadamente por volta de 3000 a. C., possibilitando o transporte de bens mais pesados para distâncias mais longas. Por esta altura, os mesopotâmios construía também barcos suficientemente grandes para transportar mercadorias e, em 2300 a. C., já se dedicavam ao comércio em locais tão distantes como Omã e a Índia. Apesar da sua economia sofisticada, as sociedades do Crescente Fértil não usavam a cunhagem de moeda. Os pagamentos eram geralmente regateados, e os salários eram, na maioria dos casos, pagos em cereais, pesados com medidas standardizadas.

As cidades da região evoluíram e transformaram-se em Estados que controlavam uma área periférica de cerca de 16 quilómetros, com terras de cultivo e aldeias. As hierarquias políticas emergiram — de início, estas cidades-Estado foram governadas pelo conjunto dos seus homens mais destacados que, a partir de 3000 a. C., foram maioritariamente suplantados por governantes individuais que acabaram por instituir monarquias hereditárias. O primeiro

governante individual de que há registo arqueológico (o nome aparece em fragmentos de um vaso de alabastro) é Enmebaragesi, que governou a cidade-Estado suméria de Quis por volta de 2500 a. C.

O papel principal destes reis primitivos era o de garantir a liderança militar à medida que as cidades-Estado em ascensão começavam a gerar rivalidades e a lutar por influência e território. A primeira batalha registada na história humana, ilustrada por entalhes desenhados num monumento de pedra calcária, ocorreu por volta de 2450 a. C. e foi um confronto entre as duas cidades sumérias de Lagaxe e Umma, tendo como causa o controlo de uma área de terras irrigadas. Lagaxe emergiu vitoriosa, com o seu rei, Eannatum, a ser recordado por ter dirigido pessoalmente os seus homens a caminho do triunfo militar apesar de ter sido atingido por uma flecha. Os reis também asseguravam a manutenção da ordem e supervisionavam projetos como a construção de muralhas na cidade, sistemas de irrigação e celeiros (alguns dos quais eram muito grandes, como na cidade de Shuruppak, onde se juntou cevada suficiente para alimentar uma população de 20 mil pessoas durante seis meses). As religiões organizadas emergiram, com cada cidade-Estado a ter, geralmente, o seu padroeiro divino, com a construção de complexos de templos sofisticados que lhes eram dedicados. De 2000 a. C. em diante, a estrutura comum passou a ser o zigurate, uma pirâmide grande com degraus que simbolizava as montanhas sagradas. Os reis estimulavam a associação à religião, afirmando que o seu reino era produto de ordenação divina e incorporando cerimónias religiosas nas funções do Estado.

ESCRITA CUNEIFORME

A partir de cerca de 3300 a. C., os sumérios desenvolveram o primeiro sistema de escrita: a escrita cuneiforme. Escreviam com uma palheta biselada em placas de argila molhada que eram cozidas a alta temperatura, usando-se de início um conjunto limitado de pictogramas que eram empregues para manter o registo das mercadorias, das colheitas e dos impostos. Seiscentos anos depois, a escrita cuneiforme transformava-se num sistema de mil símbolos fonéticos que podiam ser usados para escrever obras literárias. O sistema acabou por ser adotado em todo o Médio Oriente, sendo usado até ao século I.

Foi no Crescente Fértil que apareceu o primeiro imperador da história: Sargão, nascido no século XXIV a. C. na cidade suméria de Quis. Filho de um jardineiro, tornou-se o copeiro do rei de Quis, antes de o derrubar e de se apropriar do poder. Para afirmar a sua autoridade, tomou o nome real de *Sharru-kin*, que significava «o rei é legítimo». A partir de 2334 a. C., começou a conquistar toda a Mesopotâmia e fundou uma nova capital imperial a que chamou Acádia (Akkad), provavelmente situada onde hoje fica a Bagdade contemporânea. Sargão permitiu às cidades-Estado que conquistava manterem os soberanos

em funções, embora como governadores provinciais que lhe estavam sujeitos. Tinha um exército permanente de mais de 5000 homens, montou um sistema centralizado de cobrança de impostos, em que o dinheiro lhe era enviado, e ofereceu terras aos seus apoiantes. Os sucessores de Sargão expandiram os seus reinos, mas também tiveram de enfrentar numerosas revoltas locais, além de invasões provenientes da Pérsia, da Síria e da Anatólia. O Império Acadiano desmoronou-se em 2154 a. C., e a região que abrangia regressou ao sistema anterior das cidades-Estado independentes.

Depois da queda do Império Acadiano, a maior potência que se ergueu no Crescente Fértil foi a Babilónia, estabelecida como cidade-Estado nas margens do Eufrates em 1894 a. C. Sob o domínio de Hammurabi, que governou de 1792 a 1750 a. C., a Babilónia conquistou as cidades-Estado vizinhas para controlar grande parte da Mesopotâmia. Hammurabi foi um soberano enérgico, sempre disposto a estabelecer a sua autoridade. O seu código de leis, promulgado por volta de 1754 a. C., é o mais antigo documento desse género que ainda subsiste. Foi escrito numa coluna de diorito negro com 2,3 metros de altura, tendo sido feitas diversas cópias, disseminadas por todo o Império Babilónico em espaços públicos, como praças e templos. O código continha 282 preceitos sobre vários assuntos, incluindo a escravatura, o comércio, os salários, o adultério, o casamento e a adoção. Um princípio orientador era o «olho por olho», conceito que influenciou muitos outros códigos legais e outras religiões, estando, por exemplo, presente no Antigo Testamento. Depois de Hammurabi morrer, o seu império desintegrou-se,

embora a Babilónia se tenha mantido como um grande centro de aprendizagem, de religião e de comércio. Por esta altura, as inovações feitas no Crescente Fértil já se tinham alargado, estabelecendo-se por séculos ao longo da Ásia, chegando a África e à Europa e fazendo da sua civilização uma das mais influentes da história humana.

O NILO

O mais comprido rio do mundo, o Nilo, percorre uma distância superior a 6400 quilómetros através de África e vai desaguar no Mediterrâneo. Sem as suas águas geradoras de vida, os três milénios da civilização do Antigo Egito teriam sido impossíveis e, considerando esse fator, o Nilo desempenhou um papel central na definição do passado, do presente e do futuro da região.

No Egito, o Nilo é como um oásis que atravessa o deserto do Sara. Tem duas partes principais: o vale, com cerca de 13 quilómetros de largura, e o delta, que é composto por uma série de lagoas e de pântanos com uma largura de 240 quilómetros e que chega à costa mediterrânica, permitindo ligações mais fáceis com a Europa. O Nilo tem duas nascentes principais (cujas localizações só foram descobertas em toda a sua grandeza no final do século XIX): o lago Tana, na Etiópia, e o lago Vitória, na África Oriental, com o primeiro a enviar as suas águas para o Nilo Azul (assim chamado devido à argila levada pela água) e o segundo a abastecer o Nilo Branco. As suas correntes convergem no Sudão dos nossos dias, a norte da capital, Cartum.

AS PIRÂMIDES

As pirâmides eram complexos funerários de dimensões monumentais, destinados aos faraós e às suas famílias. Têm a sua origem na pirâmide com degraus construída para o faraó Djoser por volta de 2650 a. C. em Mênfis. Estas pirâmides têm superfícies lisas, sendo a maior a de Gizé, construída para Quéops, que reinou no século xxvi a. C. Tem quase 152 metros de altura, cobrindo uma área de 52 mil metros quadrados. Sem o Nilo, as pirâmides teriam sido impossíveis: os materiais para a construção (e o sustento para a mão de obra) foram transportados para os locais de construção por canais abertos a partir do rio.

Numa região que praticamente não tem fontes de água, o Nilo foi tão vital que os antigos egípcios lhe chamavam simplesmente *Itrw*, o que significa «o Rio» (a palavra «Nilo» provém do grego *Neilos*). O Nilo também facilitou a proliferação de colónias agrícolas ao longo das suas margens (no Egito de hoje), depois de 5000 a. C. aproximadamente. Esta situação permitiu o cultivo de cevada, de trigo, de linho, de fruta e de legumes, além da manutenção de cabeças de gado. Ao mesmo tempo, expandiu-se de modo selvagem ao longo do Nilo uma espécie de planta aquática chamada *Cyperus papyrus*, cujo miolo foi usado para fazer papiro, um material com a espessura do papel,

empregue como superfície para escrever pelos egípcios e por outros povos antigos.

Um outro elemento relevante na importância do Nilo foi o facto de ele inundar as margens todos os anos regularmente. Durante o final do verão, ultrapassava as margens e depositava aí uma grande camada de limos, fertilizando o solo e depurando os sais minerais. Os antigos egípcios chamavam *Akhet* às cheias anuais do Nilo, acreditando que elas eram causadas pelas lágrimas da deusa Ísis, que chorava o marido morto, Osíris. Mas a verdadeira causa das cheias era a chuva que caía durante as monções, à distância de centenas de quilómetros na parte de cima do rio, na Etiópia, dando origem a um aumento do volume da água que acabava por provocar as cheias no Egito. As águas das cheias ficavam retidas em bacias naturais, que formavam um imenso reservatório de água para a agricultura durante as seis a oito semanas em que o rio ficava mais cheio. Estas bacias naturais eram complementadas por um sistema complexo de diques e de canais de irrigação que possibilitavam o armazenamento da água e a sua distribuição mais eficiente.

O Nilo já não inunda anualmente o Egito. Desde meados do século XIX que uma série crescente de projetos ambiciosos transformaram o fluxo do rio, a começar pelas represas e pelas comportas utilizadas para criar canais de irrigação que garantem o fornecimento de água durante todo o ano. Estas obras culminaram na construção da Alta Barragem de Assuão, iniciada por Gamal Abdel Nasser (1918–70), que se tornou presidente do Egito em 1956. Nasser tinha a esperança que a barragem pudesse estimular e modernizar a economia egípcia. Quando os governos americano e inglês

retiraram o financiamento oferecido para a construção (em parte, devido à política de Nasser de tentar manter a neutralidade durante a Guerra Fria), o presidente egípcio resolveu, para suportar a despesa da construção, nacionalizar o canal de Suez, que era propriedade de uma empresa que estava nas mãos dos governos francês e inglês. Apesar da Crise do Suez, decorrente desta decisão, Nasser e o Egito retomaram o controle do canal e utilizaram as suas receitas para construir a barragem, entre 1960 e 1970. Nasser, que se manteve na presidência durante este período, morreu de um ataque de coração dois meses depois da conclusão da obra. A barragem deu origem ao lago Nasser (que se estende até ao Sudão, onde tem o nome de lago Núbia), um reservatório artificial que permitiu às autoridades egípcias controlarem as cheias do Nilo, para garantirem um abastecimento de água mais regular à agricultura e obterem eletricidade por meio de centrais hidroelétricas.

A última grande função do antigo Nilo foi a de ter servido de via de transporte de mercadorias e de pessoas. As embarcações mais antigas que sulcaram as suas águas foram pequenas jangadas feitas de canas, usadas pelos pescadores como plataformas. Com a passagem do tempo, estas jangadas transformaram-se tanto em grandes barcos de passeio como em barcaças que podiam transportar carga de grandes dimensões como granito ou fornecimentos de cereais. No Egito, o Nilo era, em geral, muito fácil de navegar, até porque a velocidade das suas águas não ia além de um nó (1,8 quilómetros por hora), chegando aos quatro nós durante as cheias. Os ventos dominantes tornavam possível velejar para o Norte, mas viajar rio acima, para o Sul, já exigia o uso de remos.




UMA NARRATIVA DA HUMANIDADE EM 50 LUGARES, DA PRÉ-HISTÓRIA À ATUALIDADE

Mais do que uma viagem no tempo, este livro é um périplo por todos os continentes: do desfiladeiro do Olduvai, na Tanzânia — onde se encontraram as mais antigas ferramentas produzidas pelo Homem —, ao CERN — criado para o estudo da física de partículas —, sem esquecer uma visita ao rio Nilo, a Hollywood, à Zona Desmilitarizada da Coreia, ao Polo Sul, ao Palácio de Versalhes e, claro está, à paróquia de Santa Maria de Belém, para sempre associada à ascensão de Portugal a potência mundial nos séculos xv e xvi.

Trata-se de uma viagem aos 50 lugares mais marcantes da História, que trouxeram importantes mudanças na ciência, economia, religião, arte e sociedade em geral, não esquecendo também personagens primordiais como Buda, Gengis Khan, Nelson Mandela ou Alexandre, *o Grande*.

Se conhecer o passado é fundamental para preparar o futuro, esta obra encerra nas suas páginas uma viagem à vida do Homem, desde a sua génese até aos dias de hoje, oferecendo-nos uma perspetiva inovadora da evolução da humanidade.



<p>v o g a i s com todas as letras 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-267-0</p>  <p>9 789895 642670</p> <p>História</p>
--	--